Trajetória de vida em textos: João Brígido e o olhar sobre si (1899 e 1900)

Ms. Renato de Mesquita Rios[1]

Resumo: Nesse trabalho, analisamos a trajetória de vida de João Brígido dos Santos, um dos principais nomes da historiografia cearense da segunda metade do século XIX, a partir de dois textos autobiográficos (1899 e 1900), nos quais despontam representações de si, lugares de pertencimento e sentimentos que se estruturam de forma a legitimar uma posição de destaque entre seus pares.

Palavras-chave: narrativa; historiografia; sensibilidades; João Brígido

Abstract: In this paper, we analyze the life's trajectory of João Brígido dos Santos, one of the leading names in the historiography of Ceará in the second half of the nineteenth century, from two autobiographic texts (1899 and 1900), in which emerge representations of himself, his belonging places, sensibilities and identities that are structured in order to legitimate a position among intellectuals who stood out in that period.

Keywords: narrative; historiography; sensibilities; João Brígido

INTRODUÇÃO

> Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais. Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele. Vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam nele.
>
> Walter Benjamin – O narrador

No capítulo destinado a uma análise da obra de Nikolai Leskov, escritor russo da segunda metade do século XIX, Walter Benjamin, na coletânea "Magia e Técnica, Arte e Política", apontou sua crítica em direção à figura do "narrador" e à arte de narrar. Alegando que era cada vez mais raro pessoas que soubessem devidamente narrar nos idos de 1936 (quando esse texto foi publicado inicialmente), Benjamin entendia que as pessoas estavam cada vez mais privadas da própria faculdade de

[1] Professor do Curso de História das Faculdades INTA. Mestre em História e Culturas pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em História e Culturas (MAHIS/UECE).

intercambiar experiências. Como os soldados que voltavam mudos dos campos de batalha da Primeira Grande Guerra, que mesmo carregados de experiências, mostravam–se incomunicáveis, com suas memórias de trincheiras, vivências exaustivas do corpo e da mente. Um pouco mais de dez anos após a experiência devastadora de uma guerra de tamanhas proporções, os desejos e vontades sobre o ato de narrar, segundo Benjamin, diminuíram sensivelmente.[2]

Mesmo com esse ato de expressão de si e do outro sofrendo sensíveis mudanças, como essa apontada por Benjamin e, apesar das figuras dos narradores terem sofrido baixas, elas nunca sumiram. A arte de narrar parece assim algo inalienável aos homens, na qual seus narradores são os responsáveis pela transmissão de experiências vividas ou apreendidas. Avancemos então na discussão e entendamos que narrar é a arte transmitir experiências e, em se tratando de narrar o passado, o narrador ganha força, transmuta-se e torna-se outro, além do que propôs Benjamin, mas ainda assim, com raízes na estrutura proposta nesse texto do autor alemão.

Narrar o próprio mundo é descortiná-lo ao outro. É escolher e mostrar, através daquilo que se considera o próprio mundo e o passado. A perspectiva de uma narrativa histórica atual vem chamando bastante a atenção dos historiadores, pois grande parte dessa discussão origina-se de um ponto relevante, levantado por Peter Burke ao afirmar que

> [...] o atual interesse histórico pela narrativa é, em parte, pelas práticas narrativas características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquelas culturas, "contam a si mesmas sobre si mesmas". Tais "narrativas históricas" como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas.[3]

Com isso, observamos que esse conhecimento de si enquanto indivíduo e/ou grupo que se processa a partir do ato de construir estruturas epistemológicas sobre o passado e transmiti-las a outros está intrinsecamente ligado à própria identidade da qual esse indivíduo faz parte, seja ele objeto de estudo ou o próprio historiador.

Assim, intelectuais responsáveis por narrativas históricas formulavam as primeiras representações sobre o passado do Ceará na segunda metade do século XIX e

---

[2] BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197.
[3] BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 158

João Brígido dos Santos se inseria nessa perspectiva, mesmo que com uma postura por vezes diferente da de seus pares. É em meio a essa profusão de ideias e valores que situamos João Brígido, ou melhor, a sua produção multifacetada: um jornalista de pungente escrita contra aqueles com quem entrava em conflito, criando inimigos que levaria para toda a vida; responsável também por uma narrativa histórica, com uma escrita desapegada de uma exatidão científica[4] (e por isso, um dos mais criticados dentre os seus), mas pertencente – como já citamos – ao IHGB e tendo vários textos publicados pelo Instituto do Ceará. Além disso, foi também um político atuante nos meios burocráticos do Estado e até professor do Liceu do Ceará. Juntamente com outros aspectos, um indivíduo atuante nos meios intelectuais fortalezenses.

A memória dessa intelectualidade cearense aponta até hoje João Brígido como um jornalista de caráter combativo, idealista e sarcástico, que perpetuou em todos os jornais dos quais participara uma postura política em nome da "liberdade individual", até sugerindo que o título do último periódico no qual foi redator, o *Unitário*, tivesse esse nome pela postura oposicionista à oligarquia de Nogueira Accioly que vivia seu auge e por isso, não teria conseguido quase nenhuma aliança.[5]

Apesar de não desconsiderar a importância do sujeito histórico em seus vários meios de atuação, o presente trabalho objetiva analisar duas narrativas históricas de João Brígido, ainda que autobiográficas, pois, narrar o passado é também um ato político. O primeiro desses textos é de 1899 e o segundo, do ano ulterior.

Um dos principais desafios de nosso trabalho foi adentrar as discussões, construções de discursos e interações entre vários intelectuais cearenses durante o século XIX e de, alguma forma, tentar evidenciar como esses sujeitos viam, sentiam e viviam o mundo em que estavam inseridos. No decorrer deste percurso, saltou-nos aos olhos um sujeito que nos parecia exemplificar as práticas e o pensamento destes intelectuais do século XIX, porém, João Brígido tinha uma trajetória relativamente diferenciada de seus pares que nos motivou a esmiuçar sua longínqua obra, para que chegássemos ao sentido que era dado ao mundo por parte desses intelectuais.

[4] Demonstrar uma ausência é algo bastante complexo, mas um dos elementos que evidenciam esse "desapego" a uma exatidão científica reside no fato de que em praticamente todos os textos analisados em nossa pesquisa sobre as narrativas históricas de João Brígido (e não só as autobiográficas), nós não encontramos notas de rodapé ou referências às fontes utilizadas por Brígido para a composição destes.

[5] CARDOSO, Gleudson Passos. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. 2ª Ed. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

Para tanto, buscamos compreender como se dava o universo de discussão dentre esses intelectuais das letras e das escritas da História, já que uma vez que nos ficasse claro o sentido que era dado ao mundo por parte desses sujeitos, os modos como se relacionavam entre si viriam à tona. Assim, elogio, homenagem, crítica, ofensa se entrelaçaram nessa representação do real que tentamos construir para evidenciar afinal, quem era esse sujeito, igual e diferenciado, que perpassava espaços de produção e que publicou textos de meados dos oitocentos até a segunda década do século ulterior. Buscamos entender o sentido que esse sujeito dava ao mundo, o que ele entendia como mundo, mas para isso, precisamos deixar claro o que João Brígido pensava de si mesmo, como se via dentre seus pares e como construiu sua própria representação.

Sandra Pesavento entende representações como construções sociais da realidade realizada através de um mundo paralelo de sinais do começo do século XX. A partir de imagens, discursos e práticas que, de algum modo, servem-nos como elementos, se não definidores, qualificadores do mundo, essas representações orientam nossa percepção sobre a realidade (a nossa própria ou a pretérita), daí as discutirmos também como uma presentificação daquilo que não mais faz parte, do que se tornou ausente[6]. A partir dessa discussão, analisamos aqui parte do cotidiano em que João Brígido estava inserido, como também, preocupamo-nos em compreender as representações desenvolvidas por ele em seus textos sobre o passado nas narrativas históricas e em outras, principalmente nas autobiográficas.

Nesses escritos sobre o passado, constituidores de representações como discursos, João Brígido construiu um imaginário sobre o período monárquico brasileiro na então Província do Ceará[7]. Esse sistema de ideias sobre o passado, assim como as representações dele, alicerçaram-se na contemporaneidade, para que pudessem ganhar forma através de um texto escrito quando o "velho Brígido" completava 70 anos em dezembro de 1899, publicado inicialmente no periódico *A República*, mas inserido às pressas no livro *Ceará – Lado Cômico* no mesmo ano[8]. No ano seguinte foi publicado

---

[6] PESAVENTO, Sandra Jatahy. "História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo" in PESAVENTO, Sandra Jatahy & SANTOS, Maria Weber dos. *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.* Porto Alegre: Asterisco, 2008.

[7] Tratamos como "província", pois apesar terem sido publicados no fim da primeira década do regime republicano, estes textos autobiográficos tratam de quaisquer momentos pós transição de regimes e tem como os marcos iniciais o nascimento de João Brígido, em 1829, englobando boa parte do período Imperial brasileiro.

[8] O editor do livro *Ceará Lado Cômico* (1899), em nota *Ao Leitor*, no início dessa obra, explica que as primeiras páginas desta já tinha entrado no prelo quando saiu o texto "Os meus annos" no periódico A

um segundo texto autobiográfico no mesmo periódico e serão esses dois textos dos quais partiremos com nossa análise.

Se nós devemos apresentar o sujeito que produziu textos que nos servem de fonte para a pesquisa, mais prudente seria dar voz a ele e deixá-lo apresentar-se:

> Hoje, completo 70 annos, e antes que alguém fale disto, falo eu que tenho mais direito. Se é feio ter 70 annos, mais feio será negá-lo.
>
> Nasci na Vila de S. João da Barra, a 3 de dezembro de 1829, dia de S. Francisco Xavier, disse minha santa mãe, e notei no meu primeiro *aidememoire*, quando fazia as primeiras letras. Nasci, portanto, *capixaba*. Logo após uma lei desanexou aquela vila, reunindo-a à Província do Rio de Janeiro. Não protestei, porque mamava.[9]

Permeado pelo tom pilhérico, esse texto autobiográfico (juntamente com outro, publicado um ano depois), aponta para alguns elementos que se mostram essenciais para a compreensão do imaginário construído por João Brígido sobre os sertões do Ceará como espaço habitado por ele desde os dois anos de idade, evidenciando o sentido que dava ao mundo onde cresceu. Esses textos serão importantes nesse sentido já que recuperam imagens do vivido, evocando uma memória que ele restaura em detrimento a outras para compor sua autobiografia. O jogo de lembrar e esquecer perpassou seus sentidos e encontrou, no centro da construção social que eram suas representações, as sensibilidades que o ajudaram a selecionar e construir suas memórias.

Entendemos aqui sensibilidades como

> [...] uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. [...]
>
> Mas, ao mesmo tempo, as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada interpretada e traduzida em termos estáveis e contínuos. Esta seria a faceta mediante a qual as sensações se transformam em sentimentos, afetos, estados da alma.[10]

República, em dezembro de 1899, e, em uma tentativa de "ornar o livro [...] com documento tão valioso" pediu a João Brígido para incluir esse texto autobiográfico na referida obra, pedido prontamente atendido.

9 BRÍGIDO, João. *O Ceará – Lado Cômico. Ad ridenum. Algumas chronicas e episódios.* Fortaleza: Moderna, 1900, p. V.

10 PESAVENTO, Sandra. "Sensibilidades: escrita e leitura da alma" in PESAVENTO, Sandra & LANGUE, Frédérique (org). *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 10

Como, em geral, o escrito autobiográfico traz consigo uma perspectiva de construção de uma memória através do vivido e conhecido, as sensibilidades ajudam como força motriz de lembranças e, assim, de registros, pois até chegar ao papel, é necessário todo um processo de (re)construção do imaginário nas escolhas do que é memorável e, principalmente, nesses termos contínuos que transformam as sensações em sentimentos.

A dor figura assim como elemento conector que perpassa toda sua autobiografia, ainda que sempre tratada com pilhéria e ironia. Aos 70 anos, com uma postura política definida[11], o autor faz um levantamento dos pontos considerados por ele importantes de sua trajetória de vida e é a partir dessas escolhas, que uma estrutura de sentimentos e sensibilidades começa a tomar forma. Ao racionalizar e por no papel suas experiências escolhidas, João Brígido manifesta também seus sentimentos, descortinando o conhecimento sobre o mundo em que estava inserido, juntamente com as construções mentais fundamentais para o desenvolvimento desse texto.

O registro da chegada de sua família ao Ceará, vindo de São João da Barra, vila capixaba que posteriormente foi anexada à Província do Rio de Janeiro, e a aprendizagem das letras na infância, mostram-nos o espaço social em que estava inserido, além de resquícios do cotidiano que vão se interligando com o passar desse texto de 1899 e é no âmbito diário, ao falar das brincadeiras e das dificuldades quando ainda criança, que ele mostra a imagem de si próprio que intenta construir. A dor é um sentimento constante nesse texto em específico, no qual acaba citando uma grande quantidade de doenças contraídas por ele no decorrer dos anos, relacionando práticas populares de cura e doenças ligadas a endemias que assolavam de tempos em tempos, algumas regiões do Sertão do Ceará. Assim, é como se houvesse uma tentativa de humanização desse sujeito, aproximando-o de uma imagem do povo cearense que já vinha sendo desenvolvida ao longo do século XIX, com todo o sofrimento causado à população dessa Província pelas intempéries climáticas e sociais da seca, amplamente desenvolvidas pela literatura local[12]. Os momentos escolhidos e narrados de sua infância o legitimam como cearense por ter passado pelas dificuldades típicas das famílias que

---

[11] Ainda ligado à oligarquia liderada por Nogueira Acíolly, inclusive trabalhando como seu advogado.

[12] Sobre a importância da Literatura Cearense na construção de uma perspectiva social e sujeitos locais, ver CARDOSO, Gleudson Passos. *As Republicas das Letras Cearenses. Literatura, Imprensa e Política (1873-1904)*. Dissertação de Mestrado em História Social, PUC-SP, 2000. No caso específico de Rodolfo Teófilo, ver VALE NETO, Isac Ferreira do. *Batalhas da memória: a escrita militante de Rodolfo Teófilo*. Dissertação de Mestrado, UFC-CE, 2006.

habitam o Sertão do Ceará e João Brígido também busca, em seu relato, elementos que o destaquem, inclusive para justificar a escrita de um texto que trate não de um sujeito "comum", mas diferenciado, como veremos posteriormente.

A partir da memória individual, João Brígido reafirmou com suas escolhas um imaginário de dor que a literatura já vinha apontando, como uma memória social estabelecida. Essas reminiscências de si são trabalhadas a partir de rememorações de outros em vários momentos, como no trajeto entre o Rio de Janeiro e Aracati, feito em um paquete, durante o começo do conturbado ano de 1831. A saída do Rio de Janeiro na Noite das Garrafadas; a chegada em Pernambuco, no meio do trajeto em 7 de abril, dia da abdicação de D. Pedro I; os levantes diários; a proximidade com Pinto Madeira que viajou junto no trecho até o Aracati e que virou hóspede de seu pai são elementos que João Brígido traz para sua autobiografia por mais que constituam menos uma lembrança sua e mais algo contado a ele, possivelmente por seus pais[13]. São elementos que denotam o quanto a memória social o ajudou na construção de sua memória individual, tornando possível a construção de um percurso de vida inserido em uma narrativa mais ampla sobre o passado político brasileiro.

Outra tentativa de destaque aparece no texto em questão quando o autor relata que, durante uma brincadeira de infância, na tentativa de refrescar-se do calor do Sertão cearense, João Brígido salvou do afogamento quatro pessoas, entre elas, Antônio Vicente Mendes Maciel, que posteriormente ficaria conhecido como Antônio Conselheiro, líder do movimento de Canudos. Muitas são as vezes nessa narrativa em que há uma redução da importância de sua figura enquanto sujeito, mas esse texto autobiográfico precisava ser justificado e dar importância a um evento como esse salvamento é de uma relevância fundamental na construção de uma imagem que pudesse ser perpetuada na posteridade, muito mais pela dimensão que tomou Canudos do que por uma valorização deste movimento em si.

Posteridade essa que chegou para ele e, aos 70 anos, decidiu escrever sua autobiografia, complementada em texto no ano seguinte. Nesse período, João Brígido já era um conhecido jornalista, advogado e cronista, que havia morado em várias vilas do sertão sul do Ceará, grande parte dos do norte, além dos sertões da Paraíba, Rio Grande

---

[13] BRÍGIDO, João. *O Ceará – Lado Cômico. Ad ridenum. Algumas chronicas e episódios.* Fortaleza: Moderna, 1899, p. VI-VII.

e Pernambuco e já havia participado de vários periódicos do Interior e da Capital, sempre colecionando seguidores e inimigos. Nesses dois textos autobiográficos publicados no periódico *A República* (1899 e 1900), há o espanto pelo avançado da idade, quase como uma descrença de que viveria para ver o novo século que despontava. Essa longevidade se estendeu por mais de 20 anos ainda, quando morreu nonagenário, em 1921.

Contudo, antes de morrer tentou deixar sua marca, legitimando a presença entre seus pares e ambos os textos autobiográficos são de suma importância para tal realização, pois se há uma distinção entre eles é que o segundo assume um tom ligeiramente mais sério e os feitos parecem mais contundentes. Se a dor dá o tom no texto autobiográfico de 1899, no de 1900, o orgulho pelos feitos ganha força, como quando afirma que "para cada jornal, que surgia no Ceará, escrevia qualquer cousa, ou muita cousa"[14], chamando atenção para seu alcance e atuação no meio jornalístico cearense.

Outro momento de elogio a si mesmo escolhido como rememoração surge no texto de 1900 quando trata da escrita de narrativas históricas sobre o Ceará:

> A crônica da Província fi-la muito inteira, sendo o primeiro que nela meteu o nariz; primeiro que Théberge, e primeiro que Araripe. Fiz-me sócio do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, matuto ainda e professor primário, isto aos 33 annos, quando essa honra era muito ambicionada pela gente mais letrada do Brasil.
>
> Não só escrevi para sua revista, como enriqueci a sua biblioteca com documentos, os mais preciosos, sobre as antiguidades do Ceará. Vim a demitir-me dessa sociedade; exemplo primeiro, que foi seguido pelo Visconde de Taunay.
>
> Deposto o Imperador, senti-me farto de Araripe, Homem de Melo e outros cultores da verdade Histórica![15]

Aqui alguns pontos chamam a atenção. Primeiramente o destaque que João Brígido dava a si mesmo como pioneiro na pesquisa e escrita sobre o passado do Ceará, em detrimento a outros dois grandes nomes dessa intelectualidade local: Pedro Théberge e Tristão de Alencar Araripe. Essa posição já fora assumida quando na publicação do livro *Resumo da História do Ceará por João Brígido para uso das escolas primarias*, em 1885. Na primeira parte desse livro, em um texto com o título "advertencia", João Brígido afirma que naquele momento, começam a se consolidar os

[14] A República, 3 de dezembro de 1900, p. 2.
[15] Ibid.

primeiros estudos feitos por ele, Théberge, Tomás Pompeu e Araripe, sendo o último apontado por Brígido como o primeiro a desenvolver as primeiras indagações (enquanto ele se mostrava como o primeiro destes a publicar)[16].

Em 1900, o tom é outro. João Brígido se diz farto de Araripe e dos métodos de produção do conhecimento histórico que já se fazia presente há algum tempo nos meios intelectuais, como no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O convite para fazer parte dessa instituição deu-se graças à publicação de um texto sobre a chegada do elemento branco no Ceará no período Colonial, intitulado inicialmente *Apontamentos para História do Cariri* e publicado tanto nos periódicos do sul do Ceará, como no *Diário de Pernambuco*[17].

Apesar do mérito em receber o convite para ingressar em tal Instituto, João Brígido pouco escreveu lá dentro, já que encontramos apenas um texto nas revistas do IHGB[18]. Mesmo que houvesse mais textos publicados e que porventura nos passaram despercebidos, esse número não seria relevantemente maior. Contudo, Brígido não deixa de registrar sua participação na escrita da revista do Instituto, assegurando assim o destaque que a posição lhe concedia entre seus pares.

Há ainda um outro elemento importante nessa citação para compreender quem era esse sujeito e qual o sentido que o mundo tinha para ele, além de como ele pensava a si próprio. Contudo, retornemos ao primeiro texto, quando o autor afirma que ainda menino, por uma séria moléstia com vômitos, seu médico o havia declarado condenado e então encerra: “Escapei, porque tinha que ver a República!”[19]

O leitor mais desatento se vinculasse a exaltação de tal fala com o fato desse primeiro texto autobiográfico ter sido publicado justamente no periódico *A República*, dez anos após a mudança do regime, poderia facilmente apontar João Brígido como defensor de tal regime. Apesar de simpatizar com a causa abolicionista[20], Brígido pode

---

16 BRÍGIDO, João. *Resumo da História do Ceará por J. Brígido para uso das escolas primáreas.* Fortaleza: Libertador, 1883, p. 3.

17 Id. *Ceará (homens e fatos)*. Fortaleza; Edições Demócrito Rocha, 2001, p. 81.

18 Além do texto “Povoamento do Ceará” publicado em 1888, constam nos registros um manuscrito e algumas correspondências que foram doadas por João Brígido à biblioteca do IHGB.

19 BRÍGIDO, João. *O Ceará – Lado Cômico. Ad ridenum. Algumas chronicas e episódios.* Fortaleza: Moderna, 1899, p. VIII.

20 Nesse segundo texto autobiográfico (publicado em 1900), ele faz um comentário sobre a abolição dos escravos, deixando o pensamento a respeito da situação da mulher no período: “Na libertação dos escravos, entrei com minha palavra, com minha pena, com minha bolsa e com as minhas amizades.

ser considerado um dos "republicanos de última hora" como tantos outros que estavam mais preocupados com seus interesses políticos e econômicos. Como já citamos anteriormente, João Brígido tinha uma proximidade muito grande com a oligarquia dominada por Nogueira Accioly[21], não se opondo a instauração do novo regime em 1889.

Ainda em relação ao IHGB, João Brígido relaciona sua desfiliação com o fato de estar farto dos "cultores da verdade histórica", mas há ainda outro detalhe: seu desligamento estava relacionado também à deposição de D. Pedro II. Seu rompimento com a instituição é oficializado em 1891[22], o que implica que seu pedido é anterior, provavelmente de 1889 ou 1890, ou seja, já no limiar da mudança de regime político. O IHGB tinha uma proximidade com a figura do Imperador[23], que inclusive era membro emérito da instituição, e nesse momento, havia a necessidade de se desligar de um passado monárquico, ainda esse fosse o regime político que mais lhe apetecesse. Daí a exaltação para "ver a República" como um grande feito, algo a ser visto, porém, em 1903, já rompido com Accioly, ele retoma sua postura política anterior e critica de forma veemente o regime, 14 anos após sua instauração, observando que restaram apenas ruínas do que havia anteriormente. Isto fica claro em alguns de seus textos, como um artigo publicado no periódico *Unitário* em 1903, após o rompimento com a oligarquia Accioly, no qual se lê:

> O que houve a 15 de novembro não foi República, porém mero espalhafato ou pés pelas mãos, que nada edificou, deixando perpétua barafunda até a noção das cousas, que se iam acumulando num tirocínio penoso e longo.
>
> [...]
>
> Com espada, nunca se completou obra alguma. O Soldado derriba e deixa que venham outros levantar.
>
> Quem levanta é o pensador, que na ordem social se chama – Homem de Estado. Êste, porém, não apareceu ainda e tudo está como o soldado deixou.
>
> Nesta fase nos achamos ainda a 15 de novembro de 1903.
>
> O que se festeja?

Libertei duas escravas que tinha, indo minha mulher pra cozinha no dia seguinte." (A República, 3/12/1900).

21 Cf. MORAIS, Nágila Maia de. *"Todo cais é uma saudade de pedra": repressão e morte dos trabalhadores catraieiros (1903-1904)*. Dissertação de Mestrado em História e Culturas, MAHIS/UECE, 2009.

22 Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, TOMO LIV, pt 2, 1891, p. 241 e 309.

23 Sobre essa proximidade entre Imperador e IHGB, cf. GUIMARÃES, Lucia Maria Pascoal. *Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 2a.. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

Montões de Ruínas.[24]

Outra observação nesse mesmo trecho deste artigo é a posição de destaque em que João Brígido coloca o "Homem de Estado", aquele que seria capaz de colocar o regime em ordem e suplantar as ruínas, edificando algo que fosse além da "barafunda" e do "tirocínio penoso", que superasse a espada e o soldado. Mostrava assim que para além das armas, a política tinha uma força construtora, porém, o grande intelectual que repensaria e reconstruiria o Estado nunca surgiu, para Brígido.

Mesmo afirmando que não tenha surgido, João Brígido tinha uma estima muito grande por D. Pedro II e um certo fascínio pela monarquia. Evidenciando algumas vezes tal postura, retomemos o segundo texto autobiográfico (de 1900) e percebamos o elogio que tece Brígido ao antigo Imperador:

> "[...] O prêmio que eu mais quisera, conferiu-me o homem primeiro do Brasil, nestes quatrocentos annos. Fica-me na gaveta o seguinte recado: - Diga ao Sr. João Brígido que elle é um homem de mérito.
>
> Foi do Sr. D. Pedro II, que mo enviou a dizer, para o Ceará, por ocasião de lhe fazer entregar um dos meus livros, em 23 de outubro de 1883."[25]

Mais uma vez, o autor tenta construir uma legitimação para que ele seja digno de ser biografado, apontando marcos e elogios que façam jus a isso. O elogio recebido do Imperador o põe em destaque, mas esse destaque só ocorre por Brígido apontar D. Pedro II como "o homem primeiro do Brasil, nestes quatrocentos annos". Contudo, esse sujeito não pode construir algo sobre as ruínas que os soldados deixaram após a proclamação da República, daí o fato de ele apontar em 1903 que esse Homem de Estado não apareceu ainda.

Acreditando que "por todo caminho que a gente escolha vai dar com as ventas na política", João Brígido acabou usando sua função de jornalista e advogado muitas vezes de forma política, o que lhe rendeu um grande número de inimigos, mas como ele mesmo escreveu, "não os fazia por passatempo" e complementa dizendo que "os comprava, nunca me escusando de ir em socorro de terceiros, que pediam minha assistência, muitos deles, para me deixarem a sós no momento do perigo!"[26]. Atuante desde os tempos em que trabalhava no *Araripe*, periódico da região sul do Ceará, seu

---

24 O Unitário, 14 de novembro de 1903, p. 1.
25 A República, 03 de dezembro de 1900, p. 2.
26 Ibid, p. 2.

desligamento do IHGB o fez mergulhar de vez no jornalismo o que o levou a trabalhar em diversos jornais, sendo o último deles o *Unitário* (do qual foi fundador e redator). Como sua postura sempre foi combativa, muitas vezes sofreu as consequências disto, tendo inclusive seu último jornal empastelado por duas vezes, devido a oposição ao governo de Accioly, já no século XX.

Repleto de denúncias contra adversários políticos, João Brígido teve um grande destaque no meio jornalístico cearense na segunda metade do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, quando já acometido pela cegueira, ditava seus textos para sua neta Minerva Brígido Sobrinha que os escrevia[27].

Se o tom de pilhéria conduz o texto de 1899, o que lhe rendeu uma publicação às pressas no livro *Ceará – Lado Cômico* do mesmo ano, a intensidade diminui no escrito autobiográfico do ano seguinte e com um tom ligeiramente mais sério, João Brígido discorre muito mais sobre as funções exercidas por ele na Capital do que as dores e superações do texto anterior. Contudo, estar vivo é superar a morte e nesse texto de 1900, ele discute sua velhice, alegando que mesmo sentindo vigor, muitas pessoas morriam quando atingiam idades avançadas. Afinal, se havia algo que matasse tanto do que ter vivido, ele afirmava desconhecer e apesar de sugerir a correção do aforismo latino *senectus est morbus* para *senectus est mors*[28], João Brígido se afirma mais uma vez como uma influente figura pública, com um espaço de ação definido, o que se pode entender como mais uma forma de legitimação não só de seu desempenho público, mas também do fato torná-lo digno de ser biografado, o que fica claro quando afirma:

> É justo que quem viveu de público setenta e um anos, não se retraia no fim deles, mas se exiba.
>
> Posso dizer que levei a vida na rua, porque não há fora de portas mais completo do que a imprensa. Põe diáfano o homem inteiro. Comecei na jornalice.[29]

Brígido chama "jornalice" os seus primeiros trabalhos na imprensa, ainda aluno do Liceu, quando escrevia para o jornal de estudantes *O Zéfiro* e trabalhava como tipógrafo em *O Cearense*. Logo em seguida, o autor lembra que trabalhou na cidade do

---

27 BARRETO, Maria Adelaide Fléxa Daltro. João Brígido e sua descendência. Fortaleza: IMPRECE, 2005, p.54-55.
28 "senectus est morbus": velhice é doença; "senectus est mors": velhice é morte.
29 A República, 3 de dezembro de 1900, p. 2.

Crato, sul do Ceará, nos periódicos *Araripe* e *O Cratense*, afirmando que sua postura era contrária ao "bacamarte reinante". Em vários outros momentos, trabalhou em jornais de grupos opositores dos governos locais, sendo o periódico *Fraternidade* aquele no qual mais teve destaque até a década de 1870, por ser um jornal contra "o clero, que por sinal, foi excomungado e, por isso, muito procurado"[30].

João Brígido é muito lembrado como jornalista e cronista do cotidiano, tendo também uma atuação política direta e indireta, principalmente na segunda metade do século XIX, porém, sua proximidade com a oligarquia dos Accioly até 1903 confronta-se com essa representação que ele tenta construir no segundo texto autobiográfico. Se era um jornalista "emaranhado na teia local dos combates partidários, das competições individuais", como sugere Jader de Carvalho[31], João Brígido sempre o fez a partir de seus interesses e dos que partilhavam de sua cultura política e preocupações. Brígido escrevia para e por seu grupo político, estivesse ele no Crato ou em Fortaleza. Adiante, no texto de 1900, ele afirma: "sempre estive em revolta com as situações, que atravessei, me parecendo, ainda hoje, que este mundo não presta, e que o outro dos poetas e dos padres não há de ser lá o que eles dizem"[32] e se ele realmente pensava dessa forma sobre seu mundo, sua revolta na verdade mais parecia um reflexo de seus posicionamentos efusivos e combativos, como eram as consequências de seus ataques.

Ainda sobre o texto de 1900, João Brígido encerra seu adendo ao texto autobiográfico do ano anterior acrescentando: "Respeitável público, se em 3 de dezembro de 1901 eu não estiver mais neste orbe terráqueo, para vos cacetear, ainda essa última vez, perdoai-me, que não foi por meu gosto."[33]. João Brígido viveu até 14 de outubro de 1921, quando faltavam menos de dois meses para completar 92 anos. Sua trajetória foi longa e tortuosa como sugerem os dois textos autobiográficos que aqui foram analisados, mas ainda assim, repleta de autoelogios que, juntamente com alguns méritos, confirmaram-no como um dos nomes de destaque da intelectualidade cearense na segunda metade dos oitocentos.

---

30 Ibidem, p.2.
31 CARVALHO, Jáder de. *Antologia de João Brígido*. Fortaleza: Paz e Terra, 1969, p. 14
32 A República, 3 de dezembro de 1900, p. 2.
33 A República, 03 de Dezembro de 1900, p. 2.

Apesar de nossa pesquisa ter como principal objetivo uma análise das narrativas históricas desse autor, preocupamo-nos aqui em apresentá-lo a partir de sua própria escrita sobre o (seu) passado, tentando compreender o mundo como era visto por ele e assim, entender de alguma forma, como ele se compreendia enquanto sujeito na representação de mundo que ele construiu. Buscamos evidenciar o vivido e registrado por João Brígido e sua legitimação através do social, representado em sua escrita autobiográfica, que justamente por ser permeada de imagens, discursos e práticas, qualificaram o mundo vivido por Brígido, de certa forma, orientando sua percepção sobre a realidade em que estava inserido e, finalmente, descortinando parte do imaginário sobre sua vida e sua atuação jornalística e política.

A análise de suas autobiografias revela na escrita de João Brígido um estilo que pode ser definido com um forte traço de autoelogio e autolegitimação através da importância dada por ele mesmo e pelos seus pares a seus escritos, prática relativamente comum dentre os intelectuais cearenses dos oitocentos. Contudo, em seu estilo reside a ambiguidade de ser contemporâneo a uma produção de narrativas históricas marcadamente científica, marca própria que os oitocentos nos legaram, com a busca pela exatidão e verdade, e mesmo assim, permeado de elementos não-comprovativos[34], além de alguns traços da cultura popular cearense vivenciados por esse autor em suas práticas cotidianas pelo Sertão do Ceará desde os 2 anos de idade. Essa ambiguidade que diferencia e aproxima João Brígido de uma civilização que nascia para a modernidade e progresso no Ceará do final do século XIX, construída por sujeitos que estão escrevendo a própria história deles e de seus antepassados, e assim, a da então Província e Estado.

Nosso intuito aqui foi trazer elementos que pudessem traduzir esse sujeito temporalmente distante de nós, a partir de uma aproximação do mundo intelectual na qual nos inserimos, mesmo que as dimensões, qualidades e ações sejam diferentes. Foram as sensibilidades que brotam das memórias que deram forma ao caminho pela qual nossa análise perpassou. Por fim, defendemos ainda que, mesmo em meio a essa contraditória relação entre escritas e tempos distintos, revelados por sentimentos e

[34] Apesar de textos autobiográficos, em geral, não trazerem fontes, o que apontamos aqui como "elementos não-comprovativos" na escrita de João Brígido refere-se a um traço específico de sua escrita sobre o passado de um modo geral e que lhe rendeu uma série de críticas entre seus pares. Para mais informações, cf. RIOS, Renato de Mesquita. *João Brígido e sua escrita de uma história do Ceará: Narrativa, Identidade e Estilo (1859-1919).* Dissertação de Mestrado em História e Culturas, MAHIS/UECE, 2013.

sensações trazidos à tona, é possível decifrar o outro e assim, entender o mundo, enquanto espaço e representação, no qual estava inserido esse sujeito.